

Medicina em casa

O Senado aprovou, em votação simbólica, projeto de lei que autoriza o atendimento domiciliar dos pacientes do SUS por médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e assistentes sociais do sistema. A proposta complementa um conjunto de medidas cujo objetivo é fazer com que a chamada "porta de entrada" do sistema público de saúde seja o domicílio do paciente e não o hospital. Essa mudança começou com a implantação do Programa de Saúde da Família (PSF), que prevê a formação de equipes compostas por agentes comunitários de saúde, enfermeira e médico, que cuidam de determinado número de famílias. Cerca de 65 milhões de brasileiros já recebem em suas casas visitas regulares dos agentes comunitários de saúde. O PSF atua nas áreas mais pobres de cada município, onde tem contribuído para evitar óbitos por causas banais, por exemplo, a desidratação infantil. Com isso, as filas nas portas dos hospitais tendem a desaparecer.

A mudança começa pela ação do agente comunitário de saúde, cuja principal tarefa é fornecer informação e instrução sanitária às famílias. Quando o agente encontra alguém doente, o atendimento passa a ser responsabilidade da equipe do PSF, primeiro da enfermeira e depois, conforme o caso, do médico, que irá cuidar do doente em sua própria casa. A eficiência desse programa pode ser avaliada pelo fato de que 80% dos casos registrados por um agente comunitário são resolvidos pela própria equipe do PSF, sem necessidade de atendimento por médicos especialistas ou de transferência para hospitais. Apenas 3% dos casos re-

gistrados demandam internação hospitalar. Esse tipo de programa visa à população que não tem acesso fácil à medicina convencional, que faz farto uso de especialistas e depende de caros e sofisticados exames que apenas o ambiente hospitalar pode oferecer. Os números do PSF demonstram que basicamente são atendidos casos de diarreia infantil, asma, pneumonia, tuberculose já identificada e surtos epidêmicos de dengue e cólera. É a rotina das doenças produzidas pelas más condições sociais. O programa já funciona em mais de 5 mil municípios, com apoio dos prefeitos que perceberam que, além de barato, esse é um modo eficiente de prestar atendimento de saúde à população carente.

**Também na
saúde pública, o
melhor cuidado
está na casa
do doente e não
no hospital**

Desde o começo dos anos 80, a maioria dos médicos sanitaristas pleiteava algo no gênero do PSF. Agora, o Sena-

do acaba de formalizar mais um passo nessa direção, ao permitir que o SUS mantenha "internações domiciliares". As empresas privadas de saúde optaram, há anos, pelo chamado "home care", o atendimento médico em casa, mesmo para os casos mais graves. Não há estatísticas precisas, no caso das empresas privadas, mas, em 1999, a Volkswagen – que tem plano próprio de saúde para seus funcionários – divulgou que economizara 55% dos gastos previstos com internações hospitalares ao optar pelo tratamento domiciliar para quem necessitasse de internações prolongadas ou frequentes, fosse o restabelecimento de fraturas ou convalescença de derrames. Com a decisão do Senado, a saúde pública pode avançar no mesmo rumo.